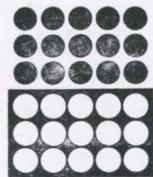




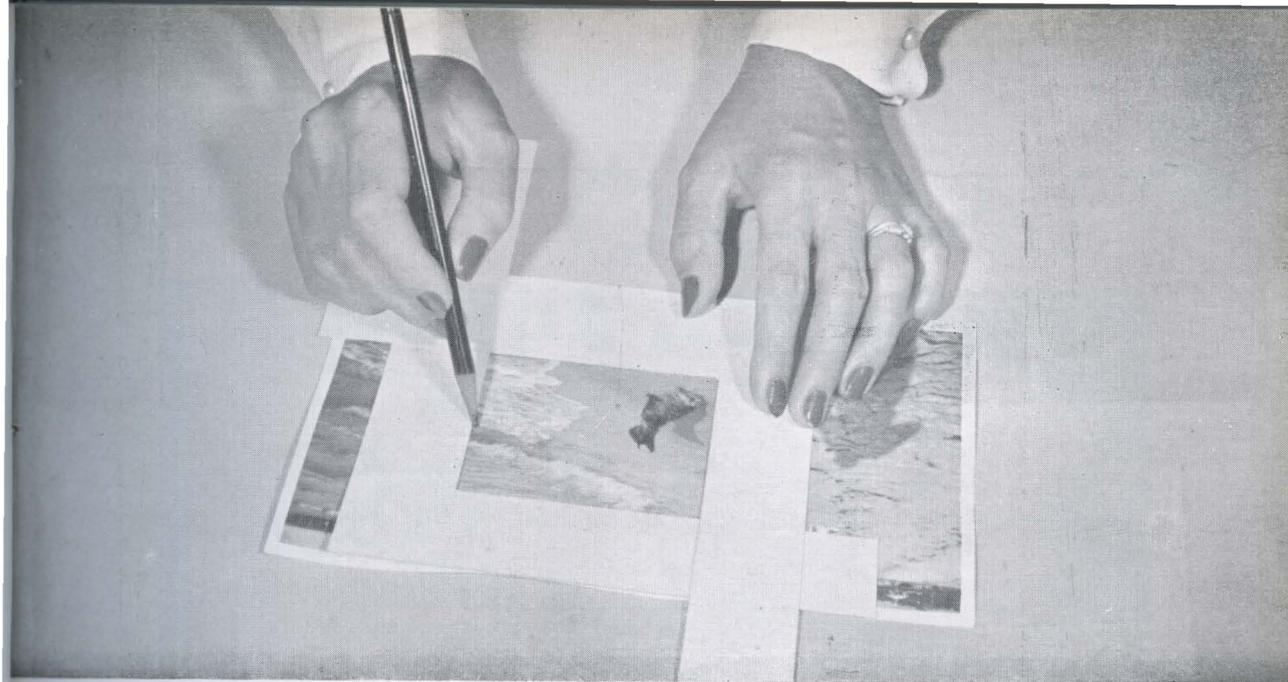
FOTO *Boletim* **CINE**

*a mais
alta classe
em ótica...*



FOTOPTICA

Cns. Crisp. 49 - S. Bento 294 - Direita 85



PAPÉIS FOTOGRÁFICOS

Kodak - Wessel

Como é de conhecimento do snrs. consumidores em geral, há pouco mais de um ano esta antiga fábrica de papéis fotográficos está sendo operada sob a responsabilidade e contrôlo técnico da KODAK — de renome mundial, e sua qualidade é hoje tão reconhecida que constitui um timbre de honra para a indústria Brasileira e se compara favoravelmente com produtos similares importados.

Com esta contribuição, Kodak põe ao alcance dos studios, laboratórios e indústrias em geral, um produto de notável qualidade nos mais diversos tipos, superfícies, gráus de contraste e tamanhos.

PARA CONTATO

- URUPEX** — Pêso simples e duplo tom quente, gráus 1, 2 e 3
- LABOREX** — Pêso simples, esmalte tom frio, gráus 1, 2, 3 e 4
- OSIRIS** — Pêso duplo, tom quente gráus 1, 2, e 3
- JARDIM** — Postais pêso duplo suave e normal

PARA AMPLIAÇÕES

- RICOBROM** — Pêso simples e duplo gráus 1, 2, 3 e 4
- BROMATON** — Pêso duplo, tom quente, gráus 1, 2, 3 e 4
- DOCUMENTO** — Contato rápido para fotocópias
- CARDIOBROM** — Rápido para electrocardiogramas

Contribua para o engrandecimento da Indústria Brasileira usando êstes papéis fotográficos

KODAK BRASILEIRA S. A.

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — PORTO ALEGRE

OTICA FOTO *Moderna*

A casa que oferece o maior sortimento em artigos foto e cinematográficos em geral.

CAMARAS E ACESSÓRIOS

Filmes — Papéis — Projetores e Ampliadores.
Binóculos — Microscópios e Serviços completos de

Ó T I C A

Moderníssimo Laboratório para revelações de filmes, ampliações esmeradas e artísticas. Revelações de filmes cinematográficos.

Fabricação própria de lentes.

OTICA FOTO MODERNA

RUA MARCONI, 44 — FONES: 32-9197 e 34-7582 — SÃO PAULO

LASANHA AO FORNO

Especialidade da CANTINA PIEMONTESE

ALAMEDA FRANCA, 1509 (esq. Consolação) — Tel.: 8-1082



Fischetti & Rossi Ltd.

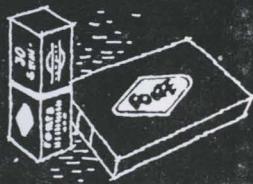
Casa Beethoven

FUNDADA EM 1908

MUSICAS • PIANOS
RADIOS • DISCOS
INSTRUMENTOS
PAPELARIA
REFRIGERADORES

LARGO DA MISERICORDIA, 36 - FONES 32-0303 - 33-6510 - CX. POSTAL 348 - S. PAULO

Que tacada!

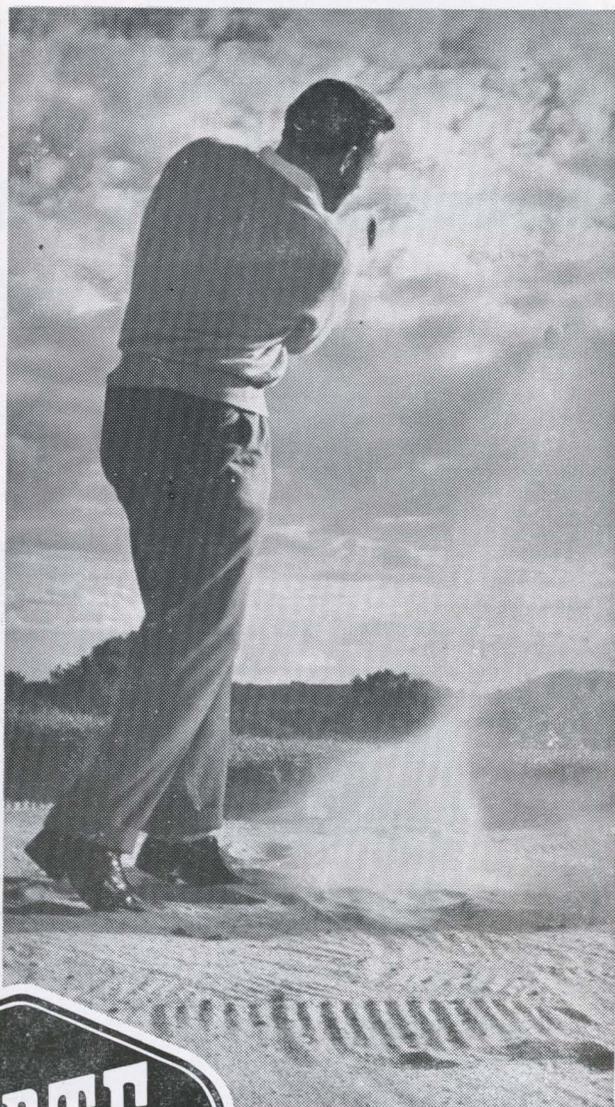


**Regra para
fotos assim:**

- 1.º VOCÊ**
- 2.º FILMES**

FORTE

Já estão à venda em todo o Brasil os Filmes e Papéis Fotográficos FORTE, produzidos pela Forte Photochemical Industry - Vác - Hungria, uma das maiores fábricas européias de material fotográfico. Todo o material Forte produzido para o Brasil é *Tropicalizado*, o que assegura inalterabilidade em nosso clima. Outro detalhe importante: devido a acôrdo com os fabricantes, haverá suprimento contínuo e de qualidade uniforme para o mercado brasileiro.



FILMES

Finepan } 120, 620 e 127
Finechrom }

PAPÉIS FOTOGRAFICOS

Para todos os fins,
em superfícies:

Brilhante - Mate - Semi Mate - Veludo
Sêda - Royal - Cristal. Gradações:
Suave - Normal e Vigoroso

Sociedade Importadora e Exportadora **SILBRA** *Limitada*

São Paulo: Av. Mercúrio, 50 - sobreloja - Tel.: 33-9630

Rio de Janeiro: Pça. 15 de Novembro, 20 - 4.º - Tel.: 23-1562

O MAIOR NOME EM APARELHOS HIDRÁULICOS NO BRASIL

METALÚRGICA

A L B I O N S. A.

TORNEIRAS

REGISTROS

VÁLVULAS DE DESCARGAS

APARELHOS SANITÁRIOS PARA HOSPITAIS

A L B I O N S. A.

TELEFONES 5-0262 — 5-0421 — SÃO PAULO

PARA BOAS FOTOGRAFIAS...

BOAS MÁQUINAS...

PARA BONS NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS...

BONS CORRETORES.

BONS CORRETORES?

IMOBILIARIA J. R. SOARES LTDA.

Rua Cons. Crispiniano, 344 - 3.º - conj. 305 — Tel. 34-4203 — São Paulo



ANTES DE COMPRAR

HARMONICAS

VISITE A TRADICIONAL

Casa Meirelles

— de —

ARNALDO MEIRELLES

Rua Mauá, 574

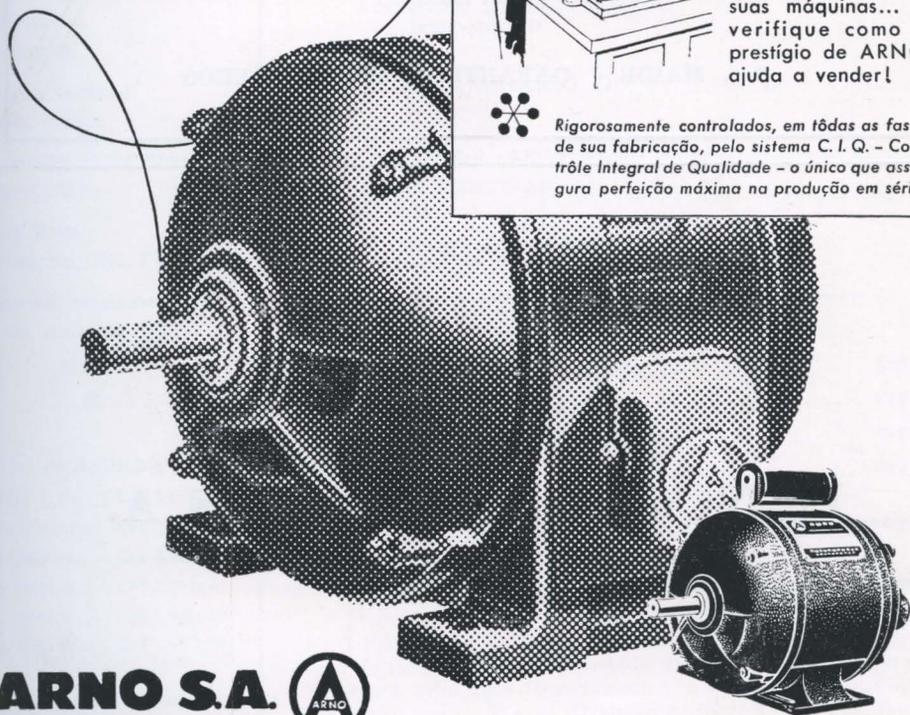
—:—

Fone: 34-8729

—:—

São Paulo

**O Senhor
venderá mais
se oferecer mais esta
garantia de
qualidade!**



ARNO S.A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO



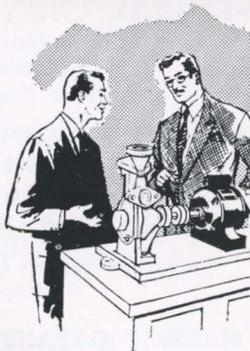
3. MAIOR FÁBRICA DE MOTORES ELÉTRICOS E DE APARELHOS DOMÉSTICOS DA AMÉRICA LATINA

Matriz: Avenida Arno, 240 (Moóca) - Telefone: 34-6131 - Caixa Postal 8.217 - São Paulo - Est. de São Paulo

5. PAULO • RIO DE JANEIRO • P. ALEGRE • RECIFE • B. HORIZONTE • CURITIBA • CAMPINAS • SANTOS • RIB. PRÊTO • SOROCABA • BAURU • S. J. DO RIO PRÊTO

Motores Elétricos

ARNO



Funcionamento perfeito... durabilidade excepcional... qualidade comprovada... Eis os três fatores de *garantia* que os Motores ARNO representam para o consumidor. Use os Motores ARNO em suas máquinas... e verifique como o prestígio de ARNO ajuda a vender!



Rigorosamente controlados, em tôdas as fases de sua fabricação, pelo sistema C. I. Q. - *Contrôle Integral de Qualidade* - o único que assegura perfeição máxima na produção em série.

SEGURANÇA INDUSTRIAL

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Fundada em 1919

CAPITAL REALIZADO: Cr.\$ 12.000.000,00

SEGUROS: Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Rodoviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automoveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/55 Cr.\$ 52.525.915,10

Sinistros pagos até 31/12/55 Cr.\$561.520.468,50

PRESIDENTE

Ad Memoriam

Antonio Prado Junior

MATRIZ NO RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 137 - Edifício Guinle — End. Telegráfico "SECURITAS"

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar - Prédio Pirapitinguí - Telef.: 32-3161 a 32-3165

J. J. Roos

Gerente-Geral

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS

BANCO RIACHUELO S. A.

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 89

FONE: 37-2546

SÃO PAULO

(Reg. n.º 254)

★

Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação:

Dr. Rubens T. Scavone

Diretor Comercial:

Alberto Scaff

Correspondentes no

Estrangeiro:

Alvaro Sol

Argentina

Marius Guillard

Lion, França

Domenico C. Di Vietri

Roma, Itália

Ray Miess

Wisconsin, EE. Unidos

Georges Avramescu

Arad, Rumania

Tabelas de Anúncios:

Capa Cr\$ 5.000,00

Contra-capas Cr\$ 4.000,00

1 página.. Cr\$ 3.000,00

½ página.. Cr\$ 1.800,00

¼ página.. Cr\$ 1.000,00

⅓ página.. Cr\$ 600,00

Redação e Administração:

Rua Avanhandava, 316

Fone: 32-0937

S. PAULO — BRASIL

SUMÁRIO

A NOTA DO MÊS	9
FOTOGRAFANDO OURO PRETO	10
RUBENS TEIXEIRA SCAVONE	
QUÍMICA APLICADA À FOTOGRAFIA	16
ODILON AMADO	
DOIS FOTÓGRAFOS	19
LOURIVAL GOMES MACHADO	
O XVII ANIVERSÁRIO DO F. C. C. B.	24
UMA CORRIDA AO BRASIL	28
JORGE FRIEDMAN	

CAPA: Foto de Rubens Teixeira Scavone

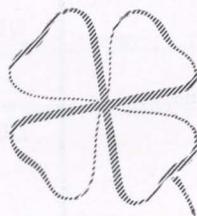
Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr\$ 15,00	
Assinatura anual: (12 números)	Cr\$ 150,00	
Sob Registro		Cr\$ 200,00
Para o Exterior	Cr\$ 300,00	

ÓRGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe for dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

Sucesso
em cada
Reclame
pelos
Cliches



~~CLICHES~~ *Fortuna*

AGORA EM SEU
NOVO ENDEREÇO

R. CONS. CARRAO, 295



32-3492
35-8000

A Nota do Mês

O Foto-cine Clube Bandeirante já está convocando os cultores da fotografia em todo o mundo para o XV Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo a se realizar em outubro próximo.

O “Salão de São Paulo”, como é conhecido, foi, em sua primeira realização em 1942, o toque de reunir dos amadores brasileiros para o grande movimento que logo haveria de dar categoria à fotografia entre nós e situar o Brasil e especialmente São Paulo em posição de grande relêvo e prestígio no campo da arte fotográfica.

Dai por diante, pelo seu rigorismo e espírito arejado, passou a ser o marco aferidor da evolução artística dos nossos fotógrafos. 1944 (1.º Salão Internacional), 1949, 1953 e 1954 foram etapas decisivas dessa evolução assinalando, cada vez mais acentuadamente, a libertação do fotógrafo dos grilhões do mecanicismo do aparelho e da reprodução passiva da objetiva. Ou, em outras palavras, o seu domínio sôbre a máquina e os processos fotográficos transformando-os em instrumentos dóceis e versáteis do seu espírito criador.

Em outubro de 1956 os portais da Galeria Prestes Maia abrir-se-ão pela décima-quinta vez, para o Salão de São Paulo. Representará êle quinze anos de esforços e atividades ininterruptas em prol da elevação da fotografia e por certo os nossos aficionados — que no Salão de São Paulo têm uma das mais alta expressões fotográficas do mundo — desejarão assinalar essa efeméride com uma das mais marcantes mostras já realizadas entre nós. Esperamos, pois, que atendam ao chamado do Foto-cine Clube Bandeirante selecionando e preparando desde já os seus melhores trabalhos, para que o XV Salão seja a um tempo o coroamento do trabalho já desenvolvido e o marco inicial de novas e mais profundas incursões do espírito criador humano no campo da fotografia-arte.

Maio — 1956



FOTOGRAFANDO OURO PRETO

RUBENS TEIXEIRA SCAVONE — FCCB

Rubens Teixeira Scavone um dos nossos mais novos e capazes artistas-fotógrafos, realizou na sede do Foto-cine Clube Bandeirante uma exposição de fotografias de Ouro Preto, a velha cidade mineira, monumento histórico do Brasil.

Uma exposição sobre uma cidade não poderia fugir, de certa forma, a alguns aspectos documentários. Entretanto, a documentação de Rubens Teixeira Scavone escapa por completo às normas comuns do documentário, mesmo quando, por exemplo, retrata panoramas da cidade ou vistas dos seus velhos telhados, impreg-

nando uns e outros de uma atmosfera evocativa que nos fala à alma e nos transporta, ainda que por imaginação, àqueles tempos de outrora quando Ouro Preto fremia de vida e agitação.

Isto, a par dos ângulos e detalhes que não escaparam à fina sensibilidade do artista, extraindo composições arrojadas e dentro dos mais avançados padrões atuais, de motivos e objetos das éras coloniais, fizeram com que a magnífica exposição de Rubens Teixeira Scavone atingisse alto nível artístico, nos apresentando com múltiplos e surpreendentes aspectos novos de uma velha e lendária cidade. - E. S.

O principal é que não se sabe nem por onde começar. Pela cornija colonial, pela rótula tatuada pelo tempo, pela grade do ergástulo do Conde de Assumar, ou mesmo pela górgone, misto de limo e granito, por onde gotêja o líquido das vertentes do Itacolumi.

Hesita-se, titubeia-se, e se esquece mesmo de ajustar o obturador para as luzes altas dos templos lavrados em pedra sabão ou para as luzes baixas dos retábulos e dos interiores.

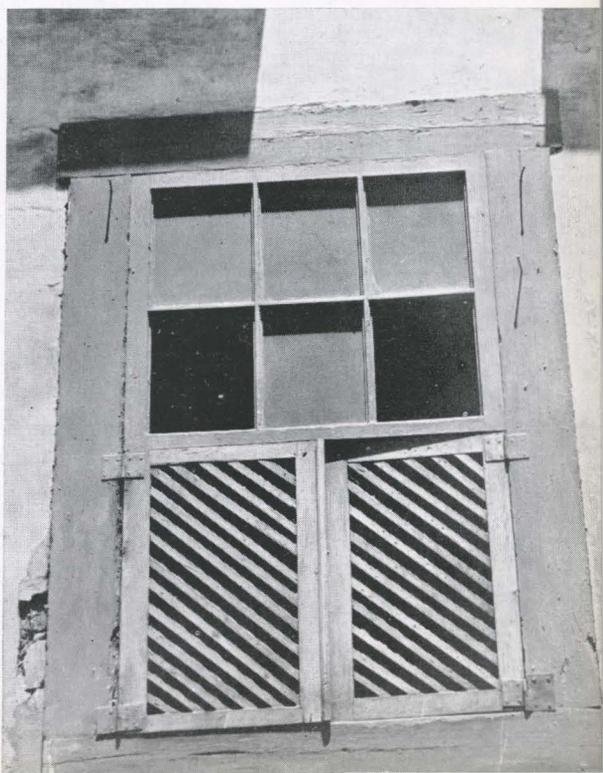
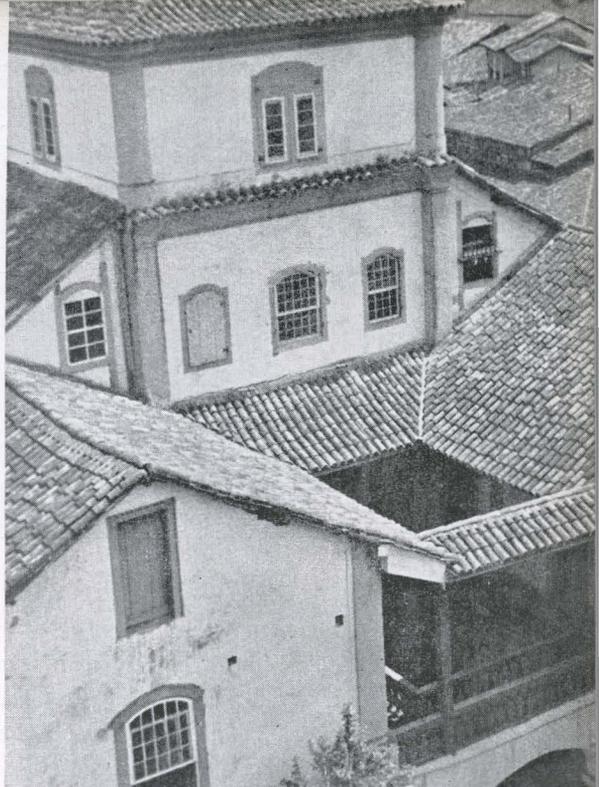
Não há escolha de assunto ou pesquisa de objeto.

A cidade inteira é assunto-objeto. O problema então é inteiramente individual.

Como é que se deve traduzir Ouro Preto?

Através de suas igrejas? Através de suas janelas corroidas e multicôres? Pelos ângulos convergentes de seus bêcos e vielas onde os cargueiros balizam os pontos de fuga? Por onde?

A resposta vem integral e espontânea depois de alguns minutos de exame e pesquisa. Deve-se fotografar tudo pois somente os detalhes não podem dar o painel pictórico-sentimental de Vila Rica. Fachadas rendilhadas com aspectos de balcões de Nova Orleans. Paredes e rótulas de côres vivas e exóticas com aspectos de bolos de noiva onde o confeitiro caprichoso modelou xadrezes e arabescos com anilinas das mais inusitadas. Telhados e casario de Évora ou de Coimbra e ângulos totais como cenários especialmente preparados para um filme e onde neces-



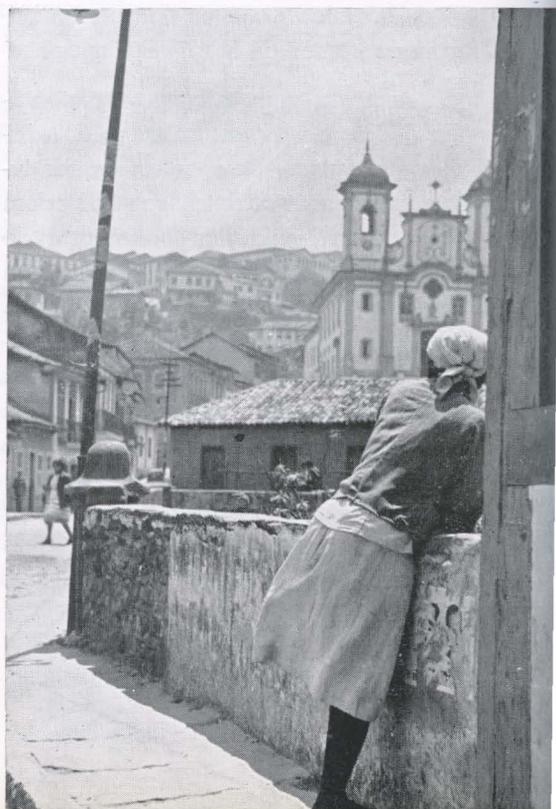


sãriamente se movimentariam matronas e fidalgos, escravos e meirinhos, frades e alferes, préces e maldições.

Começa-se então a fotografar. A esmo, procurando utilizar a câmera fotográfica como cinematográfica, deixando para depois a composição, o corte e a escolha. O importante é a obtenção do negativo e para isso não há tempo a perder. De frente, de lado, de baixo, de cima, tudo é fotografável, desejando-se mesmo cabeça-panorâmica do alto de Santa Efigênia da Cruz e lastimando-se pela ausência de infra-vermelho de cima da igreja do Carmo para que se pudesse penetrar quase que fluoroscòpicamente nas entranhas do antigo arraial de Nossa Senhora do Pilar, retratando-se seus veios de pedra sabão ou os nichos indevasáveis de ouro podre, lá em baixo, junto às águas do Tripuí.

A cidade é como um mosaico de valor e beleza incomensurável, onde uma fração isolada nada representa. O que vale é o conjunto e não a parcela. O que conta é a integralidade e não o episódico ou o acidental. E é em função disso que se deve agir ao fotogra-

far Ouro Prêto, misturando-se aos efeitos cortantes da objetiva azulada de quatro elementos as injunções necessárias da história, ou a influência latente de um lirismo imponderável e arraigado em todos os cantos, em tôdas as suas pedras, apanágio da matéria como o espírito é apanágio do corpo.



Não fôsse assim e a reprodução seria fria e ôca, despida de significado, como um santuário sem imagem ou como óstia sem sagração.

Antes que se analise a luz ou que se escolha a película é imperativo que se conheça a cidade. Que se saiba que sôbre as lajes polidas da rua do Rosário um dia pelas mesmas se arrastou o corpo fragmentado de Felipe dos Santos em contraponto com o entrecocar das patas dos corcéis dos esbirros do Conde de Assumar. É preciso que se saiba que junto áquela ponte a desventura jovem sonhou com as costas africanas onde o desgraçado desembargador vicejava no exílio. Deve-se saber que lá, naquela casa corroída, junto a matriz de Antonio Dias, o escultor mestiço e genial protegia com molambos o que lhe restava dos dedos anquilosados pelo mal deformante ao mesmo tempo em que rasava na pedra as anfrantuosidades de uma talha. E é sobretudo necessário que se faça da cidade, espalhada pelas brenhas e pelo sêro, um ressoador onde ainda ecoam traços do passado. As imagens de suas igrejas, as caçambas coloniais espalhadas pelas paredes da casa de dona Eponina, os subterrâneos da casa dos Contos, os muros escoriados onde a madeira resvala sôbre o



barro como fraturas expostas e, envolvendo tudo isso fatos amôrfos da Inconfidência mesclados com o lenho da fôrca da Lampadósia ou duas estrofes anônimas e esquecidas de Dirceu...

É necessário que a câmara seja norteada por tudo isso não importando mesmo que interfira a fantasia ou a imaginação.

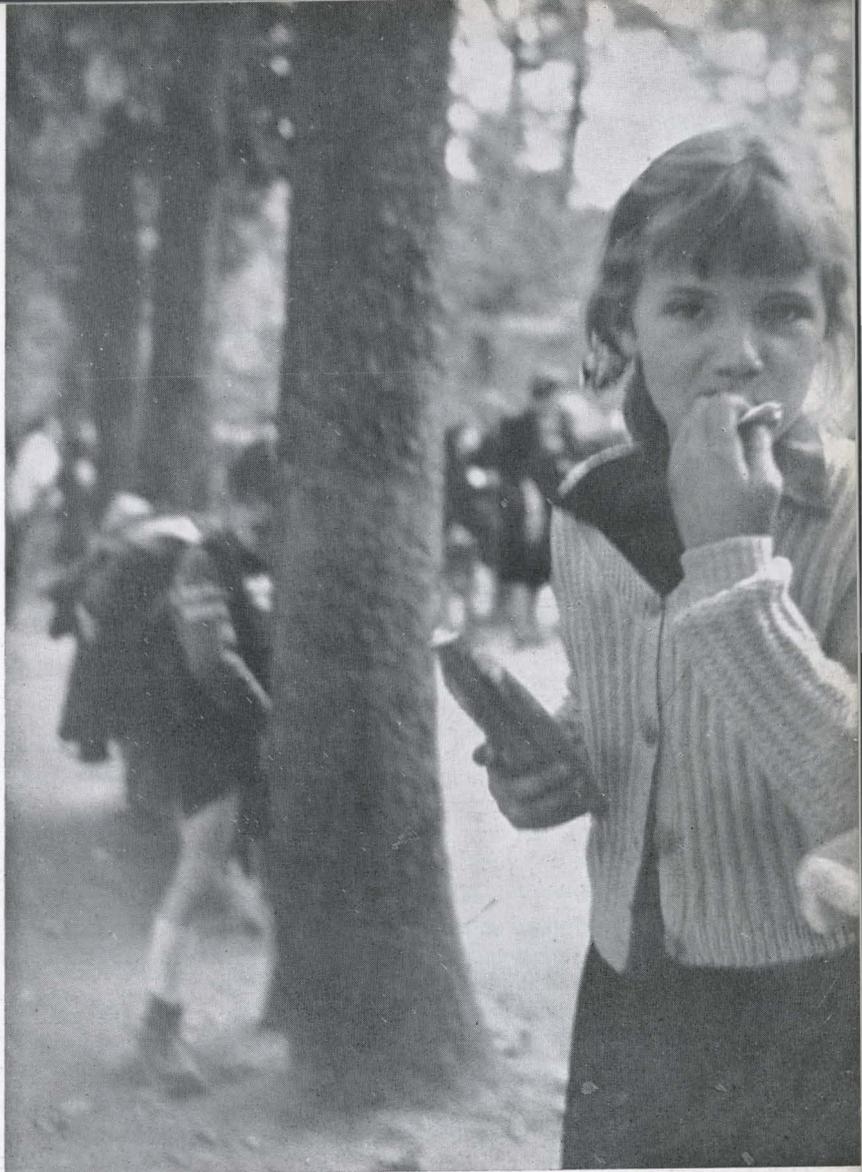
E depois dessa mistura do material sensível ao sentimental a cidade sairá melhor do retângulo de trinta por quarenta que deixará assim de ser apenas uma fotografia, com linhas ou composição, para se tornar magicamente a ressurreição de um passado e o símbolo integral de uma éra. - R. T. S.

★ Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-Cine Clube Bandeirante ★

"IRMÃOS"

Eduardo Salvatore — FCCB





"IDADE DE OURO"
Jean Lecocq — FCCB

Curso de Química Geral Aplicada à Fotografia

Por ODILON G. AMADO — FCCB

(RESUMO DAS AULAS PROFERIDAS NO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE)

VI

O NEGATIVO

Os filmes, as chapas e os papéis fotográficos são constituídos essencialmente por um suporte, (celuloide, ou acetato de celulose) vidro ou papel), recoberto por uma capa sensível à luz.

Esta última é a suspensão (ou emulsão) fotográfica e é constituída por uma suspensão de halogênios de prata finamente sulturdada em gelatina. A sensibilidade dos halogenetos de prata, à luz varia. O efeito da luz de diferentes comprimentos de onda é o seguinte:

tempo para igual redução segundos	espécie de luz
15	violeta
29	azul
37	verde
330	amarela
660	vermelha

A luz violeta tem comprimento de onda menor e a vermelha maior.

A ação da luz sobre o brometo de prata pode ser representada assim:



Porém o filme impressionado não apresenta imagem visível (a imagem é chamada latente); esta só aparece após a redução dos halogenetos ativados pela luz, por soluções chamadas reveladoras.

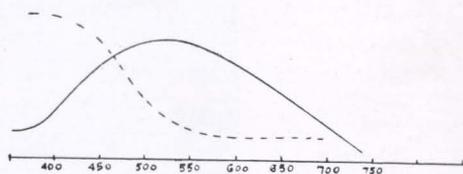
A ação do revelador se processa principalmente sobre os halogenetos de prata sensibilizados.

O efeito é proporcional à intensidade da luz e ao tempo de exposição.

Sensibilidade cromática. O olho humano é sensível à luz cujo comprimento de onda varia de 400—700 m μ

$$(m\mu = \text{milimicrom} = \frac{1}{1.000.000} \text{ mm})$$

isto é do violeta ao vermelho apresentando uma sensibilidade máxima para o amarelo esverdeado (550 m μ). A emulsão fotográfica é por outro lado sensível ao ultra violeta e azul e insensível ao verde—amarelo e vermelho, reproduzindo em branco e preto os objetos coloridos, de modo diverso ao que é visto pelo olho humano. Abaixo segue um gráfico mostrando o que foi explicado:



— sensibilidade do olho
- - - emulsão não ortocromática

A adição de certos corantes, torna a emulsão mais sensível a outras côres, sensibilizando-a.

* As emulsões quanto a sua sensibilidade cromática podem ser:

	sensíveis á	
1 - Não ortocromáticas	violeta e azul	
2 - ortocromáticas	violeta, azul, verde e amarelo	
3 - pancromáticas	violeta, azul, verde, amarelo e vermelho	

As duas últimas são mais empregadas, destacando-se os pancromáticos que aparecem em várias sensibilidades. Sensibilidade essa indicada em várias escalas. As mais importantes, são: (filmes 35 mm).

Sensibilidade luminosa. 1 — lentos; de grão ultra fino e grande poder de resolução:

FILME	velocidade A.S.A.	
	DIA	NOITE
ADOX KB-14	16	12
ADOX KB-17	32	25
Gevapan 27 Microgran	32	20
Ilford Pan F	16	10
Kodak Panatomic	16	10

2 — médios — grão fino — aplicações gerais.

FILME	velocidade A.S.A.	
	DIA	(luz artificial) NOITE
ADOX KB-21	80	64
Anso Supreme	50	32
Du Pont Superior n.º 2	50	32
Gevapan 30	64	40
Ilford PF 3	64	50
Kodak Plus X	50	40

3 — Rápidos — grão moderadamente fino:

FILME	velocidade A.S.A.	
	DIA	NOITE
Anso Ultra Speed	100	64
Gevapan 33	125	80
Kodak Super XX	100	80
Gevapan Press	200	80
Ilford HP 3	200	160
Kodak TRI X	200	160

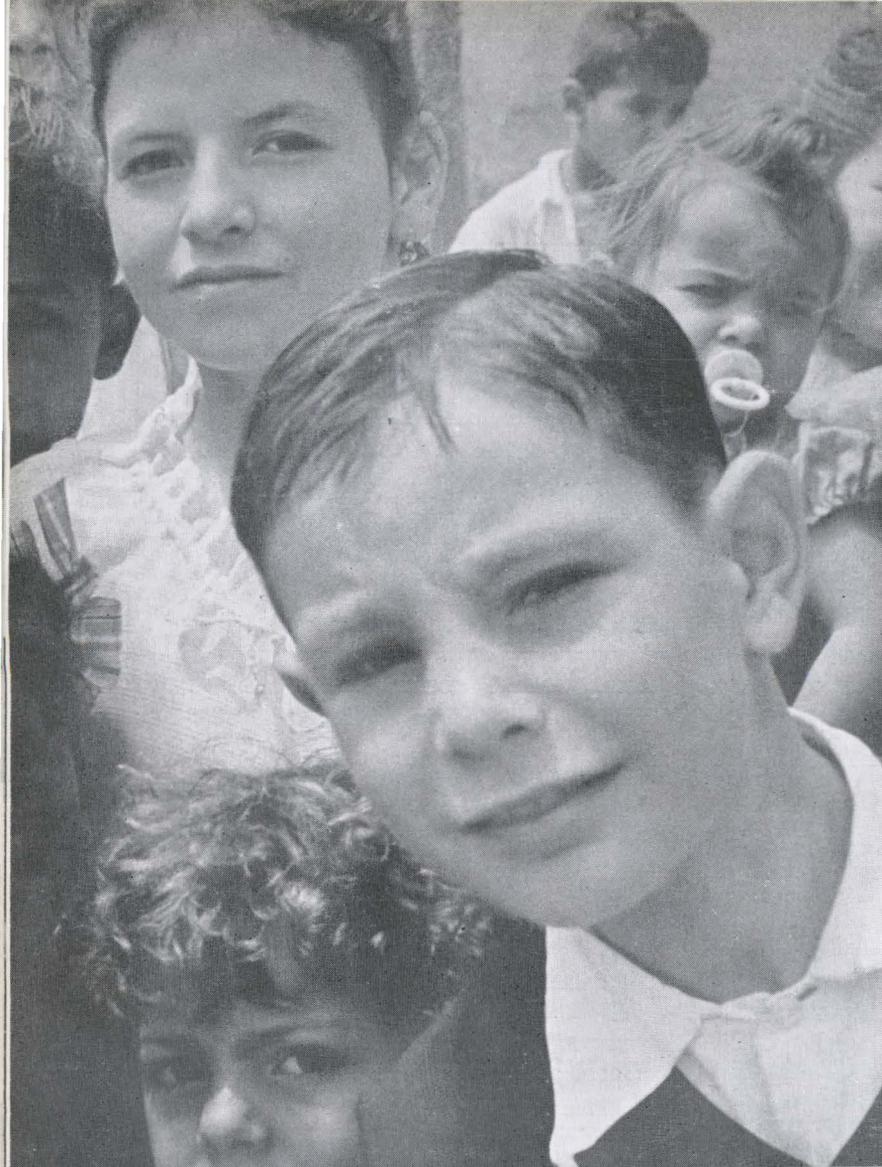
Há várias escalas de representação da sensibilidade de filmes, e abaixo segue uma tabela de conversão.

A.S.A.	Scheiner	D.I.N.	Weston	Sensibilid. relativa
10	22	12/10	8	80
12	23	13/10	10	100
20	25	15/10	16	160
32	27	17/10	24	250
40	28	18/10	32	300
50	29	19/10	40	400
64	30	20/10	50	500
80	31	21/10	64	640
100	32	22/10	80	800
125	33	23/10	100	1000
200	34	24/10	160	1600

Como escolher o filme de acôrdo com a sensibilidade

OCASIAO	Velocidade de emulsão D.I.N.
Marinhas — Altas montanhas Climas tropicais	12/10 DIN
Fotografia ao ar livre Arquitetura — Paisagem — Reprodução	15/10 DIN
Retrato em geral	18/10
Luz artificial	21/10
Esporte	21/10

(continua)



“CRIANÇAS” — 2”

Eduardo Ayrosa — FCCB

DOIS FOTOGRAFOS

LOURIVAL GOMES MACHADO

Porque as exposições de fotografias, quanto desprovidas da sensação dos grandes "salões" coletivos, ainda despertam muito pequeno interesse no público afeito às artes plásticas, e também porque esse público está longe de compreender como é simpático e útil encontrar-se uma exposição artística no "hall" ou no "foyer" de uma casa de espetáculo. São Paulo não dispensou a necessária atenção aos trabalhos de José Mauro Pontes e Eduardo Ayrosa que, por longo tempo, estiveram expostos no Teatro Maria Della Costa. Era, contudo, uma excelente escolha de trabalhos de dois ótimos fotógrafos.

José Mauro Pontes, no painel imediatamente defronte à porta de entrada da sala, aguardava o visitante com quatro fotos que, por si sós, bem caracterizam a sua pesquisa fotográfica. Num conjunto homogêneo, dizia bem alto o quanto se rebela contra a decantada (e desmoralizada) capacidade de verossimilhança da fotografia, esse fotógrafo que, dispensando mais técnica do que a da ambientação da luz, do ajuste da câmara e da escolha do momento exato, se compraz em desmentir a feição das coisas materiais tal como se convencionou que elas são ou, melhor, devem ser. Seus vidros, por exemplo, jamais correspondem à idéia comum de limpidez e transparência; interceptam a luz e a visão com o embaciado que lhes põe a chuva ou as manchas opacas de velhas camadas de pó. Se o espectador fôr menos sensível a essas subtilezas de artista, ainda assim não haverá de escapar a essa desejada e realizada contradição dos "Estilhaços" que, perdendo toda a aspereza cortante dos punhais de vidro partido, se tornam macios, doces até, quando a água da chuva por eles passeia, gotejante, para apagar-lhes os gumes agressivos e para embotar-lhes as pontas dilacerantes. Ou se fôr requintado o espectador e dispensar tão clara demonstração da força recriadora da câmara, terá um campo de encantamento nesses muros velhos e sólidos que, feitos de asperezas impenetráveis, transfiguram-se numa visão noturna, para surgirem como leves rendas na escuridão. Com "Estilhaços",

essa "Melancolia", essa "Uma Luz na Noite" e essa "Composição" — em que pese a excessiva carga literatesca do segundo e terceiro títulos — consagram a capacidade de expressão e domínio de meios de um artista.

Impõe-se notar, é bem verdade, que essa não é a única direção seguida por José Mauro Pontes. Ao lado de exercícios mais antigos e, por isso mesmo, mais submissos às regras da fotografia "certa" que manda angular geitosamente a realidade e realçar as nuvens pela filtragem dos ceus, na exposição figuravam ainda algumas chapas claramente orientadas para a franca geometrização do espetáculo natural. "Arcos" e "Composição 2" constituem amostras dessa rigorosa perseguição do formal na essência dos seres comuns, sobretudo técnicos e arquitetônicos. Mas é quando da forma volumétrica passa à linha pura e simples — em "Varal" ou em "Linhas 2" — que José Mauro Pontes melhora se realiza, nessa direção.

É verdade que o crítico ocasional nem sempre consegue acompanhá-lo em certas aventuras de ampliador e laboratório que daí derivam diretamente, mas, confessando-o com honestidade, ousa perguntar se por outro lado, esse rigorismo geométrico em si mesmo de tão bem sucedidos resultados, não lhe serviu sobretudo para uma formalização bem mais sutil (por assim dizer: subjacente) porém muito vigorosa e expressiva, como a que se pode notar em uma peça, aparentemente só de "atmosfera", que é a "Composição com figura". Transição semelhante poderíamos advinhar, correspondentemente, na primeira linha de pesquisa cuja consequência, talvez mais direta do que pensará o próprio fotógrafo, é todo o aveludamento de pedras e muralhas e toda a leveza branca da luz originalmente crua dessa porta de hotel do "Bas-Fond". O certo é que José Mauro Pontes, desde que o deixem fotografar, vê claro seus caminhos e persegue seguramente seus objetivos. Para chegar a resultados da valia indisfarçável de sua tão conhecida e, igualmente, tão admirável "Cena de Rua", que não é apenas um excelente exercício fotográfico de fixação de movimento, senão uma completa afir-

mação das possibilidades expressivas da fotografia levadas à sua última e total realização.

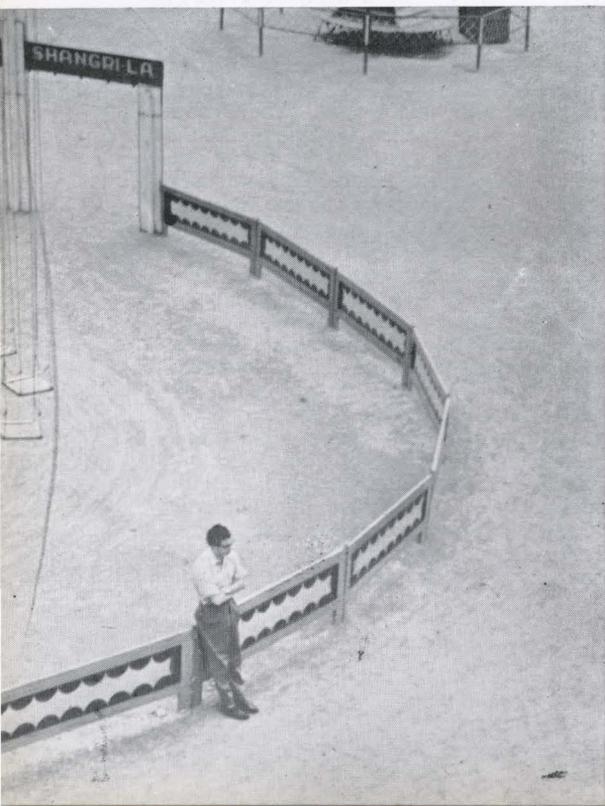
Eduardo Ayrosa tem outros e diferentes caminhos — eis a nota alta dessa exposição em que dois artistas se reúnem, não porque seus trabalhos se pareçam ou porque suas convicções estéticas coincidam, mas porque ambos se respeitam pelo equivalente teor do que conseguem realizar na caminhada para metas bem diversas. Também este fotógrafo busca formalizar pelo foco, pela luz ou pelo enquadramento, o espetáculo natural e não teme expor alguns de seus exercícios nesta direção — detalhe de teto metálico de plataforma ferroviária, de tábuas de vedação precária dos circos e parques de diversão — embora não possa neles conservar-se prêsso a um só objeto de estudo e, pois, também explore intensamente as possibilidades da matéria fotografada, seja madeira, seja metal, seja cimento. Não quer, contudo, contrariá-la, senão penetrá-la ainda mais, revelando-lhe a natureza profunda que, de comum, escapa ao observador vulgar. Daí, naturalmente, a obtenção de uma verdade até então irrevelada, que atribui às suas fotos um sabor, rigorosamente dosado e discretíssimamente distribuído, daquele “realismo-mágico” que a pintura moderna mais deseja do que conseguiu.

Essa descoberta do irrevelado, essa revelação do recôndito haveria de arrastar Eduardo Ayrosa para o grande objetivo da arte, e da vida também — o conhecimento da verdadeira feição do homem. Arriscada tarefa essa que se impôs o jovem fotógrafo, à cuja frente se levantam como sinais de perigo, tanto as tolas sentimentalizações da vida comum que superabundam em nossos “salões” ainda tão permeáveis ao subôrno do pieguismo, quanto à efetivas e límpidas realizações dos verdadeiros mestres da fotografia atual. Nesse passo, seria inútil fugir ao nome de Henri Cartier-Bresson, cuja obra Eduardo Ayrosa conhece, estuda e, sobretudo, admira. Mas a citação pode aqui aparecer, sem constrangimentos e falsos pudores, pois Eduardo Ayrosa, com uma sabedoria de uma dignidade pouco encontradas nos discípulos, coloca Cartier-Bresson na exata posição dos mestres, isto é, na posição de alguém que se pode louvar pela obra, cujas lições se deve aproveitar até a última gota, mas cujas realizações jamais se deverá tentar repetir. Eis porque o discípulo, tão atento ao mestre, com êle nunca se confunde, para nossa felicidade e para a decepção da crítica fácil.

Porisso mesmo, a melhor medida da altura — a nosso ver, singular — que atinge a fotografia de Eduardo Ayrosa, está exatamente, no que sempre se afasta de Cartier-Bresson. Talvez certos trabalhos em que a presença do “assunto” é muito forte (e que são, também, fotos mais antigas), poderiam causar a falsa impressão de tratar-se de um mero coletor de cenas e expressões humanas na cristalização bruta do cotidiano, como o é o fotógrafo francês. Se, entretanto nas fotografias de Eduardo Ayrosa atentarmos para a valorização significativa de certos pormenores secundários (o cartaz de cinema por traz dos moleques caipiras, o santinho da devoção popular colado à entrada da igreja...), haveremos de compreender que, longe de ser um simples repórter que, do noticiário de cada dia, passou-se a um registro mais vasto do mundo, êle se apresenta como uma sensibilidade simpática e penetrante. Porisso, mesmo nas composições mais próximas da reprodução direta de cenas espontâneas, o tempo contemplativo da beleza, tal a beleza como acontece na vida, a cada minuto e sem solicitação. Para êle, o instante exato, que é segredo

“COMPOSIÇÃO”

José Mauro Pontes — FCCB





"MERCADO DE PINHEIROS"

Eduardo Ayrosa — FCCB

de qualquer grande fotografia, torna-se o instante revelador em que o bicho-homem, num atimo, deixa entrever o mais profundo de seu ser. Que pois, não é a expressão posta em póse voluntária ou involuntária, mas o instantâneo da inocente entrega do ser à sinceridade de si mesma. Que, sobretudo, não é a coincidência da atitude do modelo com uma idéia preconcebida do fotógrafo, mas a aceitação, pelo retratista, da verdade mais nua e mais simples, quando lhe escorrega das espáduas aquêlo horrível veu da fantasia que anda a atulhar tanto "atelier" fotográfico...

Aí estão essas crianças que se aglomeram para, paradoxalmente, focalizarem à objetiva que deverá captá-las. E nessas fisionomias infantis ("crianças" 1 a 4) (que se enquadram em contradição a tôdas as boas regras acadêmicas exatamente para provar de modo irrecusável que fotografia é outra coisa) mais do que a expressão de um grupo, uma classe ou uma condição social, mais do que os traços de uma raça, uma nacionalidade ou um clã, mais do que um estado de espírito convencional ou um sentimento estereotipado, o que se vê, transformada em forma palpável é a revelação total e comunicativa de um traço comum a tôda a espécie, de uma expressão possuída por qualquer homem. Não estranha, pois, que indo tão longe na sua penetração, o fotógrafo também consiga surpreender, no fundo dos seres, vivos ou não, a sua essência plás-

tica — assim temos inconscientemente retomado, o tema de Cezanne ("Bar do Canindé"), para que novamente se prove que êste vasto mundo não possa de um amontoado organizado de cubos, cilindros e esferas, enquanto a fotografia restaria ainda acrescentar êses pormenores significativos, "mágicos", que a pintura, por força, haveria de desprezar. Ou, para referir-nos a outra aproximação inevitável, falaremos dêsse "Mercado de Pinheiros", onde o "Café Paulicéia" e a quitanda sua vizinha compõem um autêntico Seurat, arriscando-se à cesura central para superá-la pela unidade duma composição em retângulos que o mais paciente arranjo de "atelier" jamais haveria de alcançar. E os seres vivos que penetram a cena, nela se integram, como novos volumes geométricos que são quando se sabe vê-los sem perturbar a regradíssima organização do todo e, miraculosamente, conservando sua inteira humanidade.

Talvez, entre os trabalhos expostos, Eduardo Ayrosa atinja o máximo da composição e da realização plástica com essa cena de mercadinho de bairro, mas à sua sensibilidade é bem possível que falem ainda mais alto dois outros trabalhos que, sem objetivarem a mesma densidade, de fato alcançam ainda maior penetração do espetáculo visual. E será necessário citar "Composição com Figura", excelente cena de feira em que a mocinha escolhe uma blusa nova, vestindo-a, tão transparente em sua leveza de organdi modesto, por

sôbre o pulover. Bastariam o pitoresco do local, da cena, do gesto e da figura — com os convenientes ajustes acomodadores dos “bons” fotógrafos — para a conquista de um desses prêmios que andam por aí. Mas Eduardo Ayrosa não deseja prêmios, nem muito menos, pitorescos. Desprezou algumas das regras, com o que terá eventualmente perdido um prêmio, e desprezou sobretudo o gracioso, o curioso, o inusitado para, ganhando agora o nível da verdadeira arte, imprimir ao conjunto uma surpreendente naturalidade. Se o pitoresco é o que embora agradavelmente nos chocá, ou pelo menos surpreende, nosso fotógrafo procura o natural e, neste natural, o humano, que é exatamente manso o reconhecimento de

nós mesmos em nossos semelhantes. Porisso, sua mocinha da feira, sendo apenas ela mesma, surge transfigurada em símbolo, em figura de nova mitologia (Leda a desnudar-se? Afrodite a vestir-se com espuma do mar?) para significar na singeleza digna dos pobres, o ritual eterno e comovente da vaidade.

Para terminar, demos a contraprova dessa humanidade profunda que, sem anedótico e sem sentimentalismos, Eduardo Ayrosa capta com suas lentes, é a “Bailarina”, ou melhor, o manequim-bailarina do tópo do carrocel de parque de diversões que num dia cinzento e sòzinha contra o céu indiferente, se transfigura num ser de muita beleza. Beleza autêntica, é bem certo. Beleza humana, está claro.



“O APRESSADO”

José Mauro Pontes — FCCB



"A VIAGEM"

Bernardo Meyer — FCCB



1) Aspecto parcial do numeroso público presente à sessão solene de 26 de abril; 2) O Dr. Maurice Van de Wyer, Presidente da FIAP, dirige uma saudação ao Foto-cine Clube Bandeirante.

O XVII aniversário do F. C. C. B.

São Paulo — justamente cognominado a Capital Artística do Brasil — tem sempre liderado todos os grandes movimentos artístico-culturais em nosso país.

Não podia deixar de ser assim também com a fotografia. Foi aqui que surgiu a primeira iniciativa congregando os cultores da fotografia. Não obstante, seriam necessários cem anos — desde a divulgação do processo — para que esse movimento tomasse corpo e pudesse vencer.

*

Anunciada em 1839, em Paris, a descoberta de Niepce e Daguerre, já em 1840 era ela trazida para o Brasil pelas mãos do Abade Combes que, viajando pela corveta francesa "L'Orientale", desembarcou no Rio em janeiro daquele ano. E ali, no Hotel Pharoux, então o melhor da cidade, realizou as suas primeiras demonstrações.

Como sucedeu em todo o mundo, o processo despertou enorme curiosidade pública mas, enquanto em outros países divulgava-se como verdadeira febre, sendo logo praticado por gente de todas as camadas sociais, entre nós continuou prêso com alguns poucos profissionais que anos depois se estabeleceram na corte.

O amadorismo fotográfico que logo se

incrementou especialmente na Europa, possibilitando o aparecimento de sociedades como a "Société Française de Photographie" em Paris, e a "Royal Photographic Society" em Londres, ambas já centenárias, no Brasil, porém, praticamente não existia e nada se sabe sobre os nossos primeiros amadores e estudiosos do processo que maravilhava o mundo.

Todavia, como não podia deixar de ser, a fotografia ganhava popularidade, e o primeiro movimento em prol de sua maior difusão no Brasil, surge em São Paulo, com a "Revista Photographica" aparecida em janeiro de 1909, que foi a primeira publicação especializada sobre fotografia no Brasil. Se ainda hoje as revistas especializadas não conseguem se manter entre nós, imagine-se naquela época! Mas isto é outra história que algum dia contaremos.

Mais algumas dezenas de anos foram precisos para que os amadores — já bastante numerosos e capazes — tivessem a idéia de se congregarem num clube ou sociedade que melhor os orientasse e onde poderiam trocar os respectivos conhecimentos.

A semente lançada fôra, porém, germinar em outros pontos do Brasil, Rio de Janeiro, Pôrto Alegre, Curitiba, que logo se avantajaram nesse terreno a São Paulo.



Dois dos vencedores dos concursos de 1955: Roberto Miller, 1.º Prêmio no Concurso Nacional de Cinema Amador (filmes de gênero) e Eduardo Salvatore, 1.º lugar em Intercâmbio e Senior, ao receberem os respectivos trofeus.

Aqui, foi somente em abril de 1926 que se reuniam os amadores, na "Sociedade Paulista de Photographia" então fundada. A imaturidade do meio e, talvez, a pouca preparação espiritual de vários dos seus componentes para enfrentá-la, não permitiram que a sociedade vingasse e extinguiu-se após três anos de brilhantes atividades.

A divulgação da fotografia, porém, continuou com intensidade, pela voz dos seus mais entusiastas cultores, inclusive através de programas radiofônicos.

Mas foi preciso decorrer mais uma dezena de anos para que a velha e a nova geração de fotógrafos se unissem num movimento arrematador de maior fôlego. E assim, exatamente cem anos depois de anunciada a descoberta da fotografia, em 1939, surgiu o FOTO CLUBE BANDEIRANTE, hoje FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE congregando também os afeiçoados do cinema.

Na noite de 28 de abril de 1939, depois de colhidas por vários entusiastas as assinaturas de adesão à nova entidade, reuniu-se nos salões do "Portugal Clube" no Edifício Martinelli, a Assembléia de Fundação, presentes ali os expoentes do amadorismo fotográfico paulistano de então. Já era madrugada quando, aprovados os estatutos, foi assinada a ata. Estava fundado o FOTO CLUBE BANDEIRANTE.

*

Teve início então, o grande movimento que rapidamente levaria São Paulo a liderar a fotografia no Brasil e o Brasil a ombrear-se com os países mais avançados.

Entretanto, difíceis, muito difíceis foram aqueles primeiros anos do Foto Clube Bandeirante e só o entusiasmo, a dedicação e a férrea vontade de levar avante o

ideal é que permitiram pudesse a entidade sobrepujar os múltiplos impicilhos que se lhe antepuzeram, entre os quais, talvez os maiores, a indiferença do meio, a incompreensão de alguns, a hostilidade daqueles que na sociedade viam apenas uma efêmera reunião de alguns gaiatos que procuravam impingir como arte uma cousa mecânica, simples e fácil, que qualquer um poderia fazer desde que adquirisse uma banal máquina fotográfica... Tudo isto, agravado pelo conflito mundial que então explodiu com as conseqüentes dificuldades materiais.

Mas as dificuldades em aumentando, como que espicaçaram os idealizadores do movimento, aos quais novos e valorosos elementos foram se juntando. Aos fotógrafos, também logo se aliaram os amadores do cinema e o Foto Clube Bandeirante transformou-se no Foto-cine Clube Bandeirante.

Em 1941 realiza o Clube o seu primeiro Salão Nacional, cuja repercussão foi enorme, abalando os detratores, convencendo os incrédulos. Em 1943, não obstante a guerra, o Salão transformou-se em internacional, a êle comparecendo entidades representativas inclusive de países mais diretamente envolvidos no conflito. Novo e retumbante sucesso, ao mesmo tempo que os "bandeirantes" conquistavam expressivos lauréis nos salões realizados no estrangeiro.

De então para cá foi um suceder-se de êxitos, firmando-se no país e no estrangeiro o renome do Clube e do "Salão de São Paulo", que passou a ser considerado pelos críticos especializados entre os mais importantes do mundo.

Apenas 10 anos depois de fundado, contando unicamente com os seus próprios recursos e com a boa-vontade dos seus



associados, registra o Clube o seu mais notável feito, despertando espanto e admiração em todo o mundo: a aquisição de sua sede própria. Foi a primeira e única sociedade de fotógrafos, no mundo, que sem apoio governamental logrou tal feito.

Poude então o Clube melhor desenvolver o seu programa. O aprimoramento artístico e técnico dos seus associados pode então se acentuar, com várias iniciativas de mérito. Em 1950, é o Foto-cine Clube Bandeirante reconhecido; por lei, como de utilidade pública.

Nada mais precisamos acrescentar. Os resultados da campanha iniciada pelo Clube, do verdadeiro apostolado por êle desenvolvido são agora visíveis, e quando se escrever a história do desenvolvimento da fotografia no Brasil nela figurará o Bandeirante como a mola mestra que o tornou possível. Dezenas de entidades semelhantes espalhadas por todo o Estado e pelo Brasil, a fotografia considerada como séria e real manifestação do espírito criador do homem, ao lado das demais artes; o Foto-cine Clube Bandeirante ocupando, finalmente, o seu pôsto, respeitado e acatado entre as demais entidades artísticas e culturais de São Paulo, presente sempre a todos os movimentos coletivos, freqüentemente chamado a colaborar com os órgãos governamentais do Estado e do Município, eis o resultado magnífico dos seus esforços e realizações.

Muito justamente não citamos nomes. O Foto-cine Clube Bandeirante é fruto da dedicação de todos — dirigentes anteriores e atuais — e associados, que formando um único todo se uniram para engrandecê-lo. Se aquêles assumiram a tarefa de coordenar o trabalho comum, êstes com o apoio que lhes deram tornaram possível o que ai está: o Foto-cine Clube Bandeirante, uma das maiores e mais prestigiosas entidades fotográficas do mundo; uma entidade que honra e eleva a cultura e a civilização brasileira, levando-a a todos os recantos da terra.

De alto a baixo: William Brigatto, 1.º Senior em côr, Herros Cappello, 1.º junior em branco e preto e em côr, recebem os seus prêmios; em seguida, alguns flagrantes tomados durante a excursão a Ilha Bela, vendo-se no clichê 3, o Dr. Maurice Van de Wyer, Presidente da FIAP entre alguns dos excursionistas.

É bem justificado, pois, o júbilo com que os "bandeirantes" comemoram a passagem de mais um aniversário do Clube. O XVII aniversário, não fugiu à regra.

Os festejos programados decorreram naquele ambiente de alegria e camaradagem que caracteriza a vida social do FCCB, ficando a sede da entidade inteiramente tomada pelo grande número de associados, seus familiares e pessoas amigas que a êles compareceram.

No dia 23 de abril, realizou-se interessante sessão cinematográfica, com filmes gentilmente cedidos pelo Consulado do Canadá.

Na noite de 26, teve lugar a sessão solene, a qual compareceram também representantes dos Snrs. Governador e Vice-Governador do Estado, Presidente da Câmara Municipal, Consulados desta Capital, entidades artísticas e culturais, e o Dr. Maurice Van de Wyer, presidente

da Federação Internacional de Arte Fotográfica (FIAP), o qual em nome da FIAP e dos fotógrafos de todo o mundo, saudou o Bandeirante.

Procedeu-se, inicialmente, a inauguração da exposição de fotografias de **Maria Helena Valente da Cruz** e desenhos de **Henrique Valente da Cruz**, cujos trabalhos foram grandemente apreciados.

Seguiu-se a entrega dos prêmios aos vencedores do Concurso Nacional de Cinema Amador e dos concursos internos do Clube em 1955.

Encerrou a festa um coquetel oferecido pela Diretoria.

Uma excursão a Ilha Bela, durante os dias 28 a 1 de maio, finalizou as comemorações do XVII Aniversário do Foto-cine Clube Bandeirante.

*

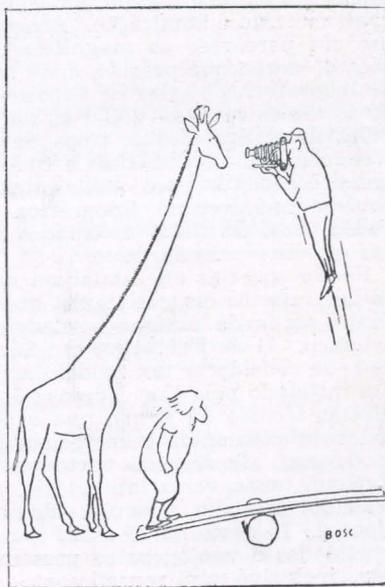
Um novo ano de vida e, certamente, de novos sucessos se iniciou.

Consultas

J. Q. — Sorocaba — O revelador D-76 da Kodak é menos ativo que o D-60a, pois utiliza o borax que é um alcalino mais fraco do que o Kodalk usado na segunda fórmula. O grau de alcalinidade é que fixa, para determinada droga redutora, como hidroquinone, metol, a combinação de ambas, etc. a maior ou menor energia do revelador. Assim, um revelador que contiver carbonato de sódio, como p. ex., o D-11 será mais enérgico do que aquêles e o que utilizar soda cáustica ainda mais.

Antonio S. — Capital — O Sr. poderá reduzir de mais ou menos a metade o tempo de fixação normal de lavagem de um filme (1 hora em água corrente) e de cerca de 2/3 o de uma cópia positiva ou ampliação, imergindo antes as fotografias (depois de fixadas, naturalmente) num banho de carbonato de sódio a 5%, durante 3 a 5 minutos.

Walter Tadeu — M. Gerais — É inútil tentar corrigir um negativo sub-exposto. Um banho reforçador só obterá bom resultado se a revelação do negativo é que foi insuficiente. Se o negativo foi, porém, sub-exposto, o reforçador não produzirá bom efeito, pois não poderá extrair do negativo o que nele não foi registrado.



Uma Corrida ao Brasil

Do Correo Fotografico Sudamericano

JORGE FRIEDMAN

Esteve alguns dias entre nós, no exercício de sua profissão, o conhecido e renomado artista-fotógrafo JORGE FRIEDMAN, da Argentina. Espírito arguto e observador, apaixonado da fotografia que, por isso mesmo eleva em sua profissão, não obstante a ela dever se dedicar durante a sua visita, pôde fazer observações interessantes e exatas sobre o movimento fotográfico nos seus vários setores em nossa terra, resumindo-as em artigo publicado no n.º 773, de 1-4-56, do **Correo Fotografico Sudamericano**, do qual é assíduo colaborador, e que transcrevemos a seguir.

Voltei do Brasil encantado com o que vi e ao mesmo tempo pesaroso porque minha viagem teve de ser necessariamente rápida. Fil-a para renovar panoramas de fundos projetados e certamente encontrei o que desejava e muito mais pois o Brasil, no tocante a paisagens, é uma inegotável fonte de surpresas. Tenho para mim que isto deve ser um poderoso incentivo para o amadorismo fotográfico que, ali, está na ordem do dia. O amador desta arte não precisa percorrer grandes distâncias nem se desesperar em momento algum; tem, como se diz, ao alcance da mão, tudo que possa desejar.

Destas e de outras cousas parecidas conversei com o Dr. Eduardo Salvatore, presidente do Foto-cine Clube Bandeirante, finíssimo e culto cavalheiro, a quem fiquei desde então ligado por laços de reconhecimento e admiração. Acompanhou-me em percorrer as magníficas instalações do clube que preside, onde se dispõe de laboratórios e salas de exposição e onde os sócios realizam tôdas as noites reuniões de crítica mútua, troca de impressões, conselhos e consultas e tudo quanto possa contribuir para melhor orientar o enorme amadorismo fotográfico de São Paulo como de tôdas as cidades brasileiras que tive ocasião de ver.

Poude apreciar que abundam no Brasil os laboratórios comerciais em que se realizam obras de caráter verdadeiramente artístico. O da Fotóptica, em São Paulo, pode-se considerar um modelo no gênero. Foi instalado pelo Eng. Thomaz J. Farkas, diretor técnico da firma, que o dotou de todos os elementos e materiais os mais modernos, alemães e norte-americanos. Existem nesse vasto laboratório, onde se trabalha também películas cinematográficas de 16 como de 35 mm., quantas comodidades e vantagens se possam imaginar, inclusive um revestimento especial que protege contra a umidade e, assim,

previne contra enfermidades como o reumatismo, fáceis de contrair nessa espécie de ambientes.

Vi muitos amadores, visitei profissionais em seus estúdios, e tive oportunidade de comprovar que o colorido, dada a relativa barateza do material, está na ordem do dia. Os retratistas profissionais não me impressionaram muito pela originalidade, mas, na sua maioria, são europeus, que seguem as normas seguras e comprovadas da fotografia em suas terras de origem e não necessitam exprimer demasiado o cérebro porquanto o Brasil é rico e grande e dá para todos, ganhando-se o bastante se mnecessidade de muito engenho. Notei-os capazes e inteligentes e se tivessem de variar e adaptar-se a outras necessidades o fariam num abrir e fechar de olhos. Quanto aos profissionais da imprensa, são bastante bons e no país se lhes dá a importância que a especialidade merece; os meios de imprensa são modernos, com alguma tendência para a corrente sensacionalista que os norte-americanos implantaram, e neles os fotógrafos são aproveitados conscienciosamente. Com o Dr. Salvatore pensamos no interessante que seria lançar a idéia, para que a ponham em prática os governos ou os clubes, de fazer uma espécie de intercâmbio, enviando repórteres da Argentina ao Brasil e trazendo, por algum tempo, os do Brasil à Argentina.

Realizei também algumas observações sobre a classe de publicidade que se realiza no Brasil e que encontrei bastante inferior à nossa tanto em desenho como em fotografia. A evolução é pouca e creio que há ali um campo enorme para quem queira inovar e esteja, naturalmente, devidamente capacitado para isso. Em resumo: venho encantado; tanto assim que trouxe um enorme material de temas brasileiros e com êle decidi fazer, logo, uma grande exposição aqui.

Foto-Livros

R. T. S.

SORTILÈGES DE PARIS, François Cali, edição de Claude Arthaud.

Mais um maravilhoso album se junta a já vasta coleção pictórica-literária cujo tema é a cidade de Paris. Com a mesma orientação dos já conhecidos trabalhos de Iziz, **Paris des rêves** e **Le Grand Bal du Printemp**, selado por um magnífico aspecto noturno, em côres, da ponte Alexandre III, sobre o Sena, enfecha a edição quase uma centena de fotografias parisienses de autoria de artistas renomados como Robert Doisneau, Pierre Brassai, Willy Ronis, Edouard Boubat, Nadau e Savitry. O resultado fotográfico foi evidentemente o que se podia esperar, — um verdadeiro poema fotográfico. A cidade inteira emerge do volume, onde mesmo os aspectos mais banais e quase que de interesse turístico são apresentados sob aspectos e ângulos totalmente novos. Paris, a duas vezes milenária, aflora magicamente mercê da objetiva. Mesmo desconhecendo-se a cidade sente-se o seu visgo pegajoso, seu perfume secular e civilizado, entranhando-se na alma aquêl mesmo amor que sente o parisiense por sua cidade, integral e quase místico. O leitor poderá sentir a madrugada despontando lá por detraz de Grenelle, sentir a humidade de uma tarde de inverno na rue Saint-Sulpice, colhêr fôlhas de outono na praça de Furstenberg ou enebriar-se com a folia existencialista em uma cave de Saint Germain ou então, com interêsse meramente arquitetônico ou técnico, analisar os arcos-botantes da ábside de Notre-Dame. E se o interêsse do leitor fôr inteiramente humano também não ficará decepcionado. Poderá ver a meninazinha, em trajes de primeira comunhão, de ar provinciano, posando nas escadarias do **Sacre-Coeur**. Identificar-se-á com o casal de namorados de silhuetas contra a vidraça no **bistrô** e poderá mesmo sofrer môrbidamente com o velhinho esmolando e tocando flauta que se perde pelos boulevards, intrigando-se ainda com as mocinhas, tipo Sagan ou Bouvoir, postadas junto a vitrines de Rivoli ou esquinas de Saint Germain.

E ao lado da reportagem artístico-sentimental da cidade o album vem provar uma já batida afirmativa de que em fotografia o que mais vale é a sensibilidade individual e o modo de gravar as coisas. Longe, bem longe do documentário anda êsse tipo de fotografia, ressaltando como exemplo marcante a existência da mesma como arte que é.

PHOTOBIOGRAPHY, Cecil Beaton, Odhams Press Limited, Londres.

A obra do conhecido fotógrafo da família real britânica não é nova mas sômente agora é que veio ter às nossas mãos.

Como indica o próprio título o trabalho nada mais é do que uma biografia fotográfica do eminente retratista, onde descreve detalhadamente desde o início sua carreira e seus progressos fotográficos. Além dêsse aspecto vale ainda o livro como uma reconstituição de ambientes e de uma época, descrevendo o autor, através de episódios de sua vida, a sociedade e mesmo os costumes britânicos.

Inegavelmente Cecil Beaton é um artista. Sente-se seu poder de criação não sômente através de seus trabalhos mas notadamente através de sua evolução, evolução essa principalmente na concepção do conceito de retrato.

Produto exclusivo de uma determinada sociedade, fruto dos mais representativos de uma côrte, por tradição e por sangue, seria justo que Beaton se dedicasse fatalmente a perpetuar objetos e figuras de seu mundo. E foi o que evidentemente fez. Primeiro perpetuou no papel sensível seu círculo familiar, ampliando a seguir seus sucessos ou com as debutantes de 1928 ou com retratos sofisticados dos Sitwells, pouco faltando para retratar as figuras exponenciais de sua época.

E mesmo dentro do retrato obteve Beaton amplo sucesso e isso graças a já mencionada evolução. Depois de uma série de trabalhos clássicos e formais logo compreendeu que o estúdio é coisa já superada, passando a dar aos seus trabalhos um vigor todo pessoal. De tal tipo são seus retratos de H. G. Wells, Churchill ou de Massine, que podem ser tidos como exemplos no assunto.

A par disso o trabalho estampa uma série de estudos **outdoors** onde o autor fixou aspectos de viagens pelo norte da África e Oriente Médio, não faltando também uma série de magníficos flagrantes sôbre a segunda guerra mundial.

CEL Construções Elétricas Ltda.

Cons. Crispiniano, 69 - 11.º — Tel. 35-4473
Linhas de transmissão e distribuição de energia elétrica.

HEMEL Hidro-Eleto Mecânica de Engenharia Ltda.

Cons. Crispiniano, 69 - 11.º — Tel. 36-6263
Projetos e execução de instalações elétricas industriais e prediais.

XV Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Proseguem com entusiasmo, os preparativos para a realização, em outubro próximo, do XV SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE S. PAULO, promovido, como sempre, pelo Foto-cine Clube Bandeirante.

Certame de renome internacionalmente firmado como uma das mais importantes mostras de fotografia artística que se realizam no mundo — tal o rigor da seleção e conseqüente alta qualidade das obras expostas, demonstrativas das imensas possibilidades da fotografia como meio de interpretação e criação artística — a êle acorrem, todos os anc, os mais renomados artistas e as mais credenciadas entidades fotográficas do país e do estrangeiro.

Rege-se o Salão pelas normas internacionalmente adotadas e recomendadas pela "Federation Internationale d'Art Photographique" (FIAP) e "Photographic Society of America" (P. S. A.), que são, em resumo, as seguintes:

1) cada concorrente poderá inscrever até 4 trabalhos em cada secção: a) secção "branco e preto" e b) secção "côr";

2) os trabalhos poderão obedecer a qualquer tema ou processo, com exceção de fotografias coloridas a mão, e deverão ter a dimensão mí-

nima de 24 cts. no lado menor e máxima de 50 cts. no lado maior;

3) os trabalhos deverão ser enviados todos sem montagem, inclusivé os dos concorrentes de S. Paulo. A montagem será procedida pelo F. C. C. Bandeirante;

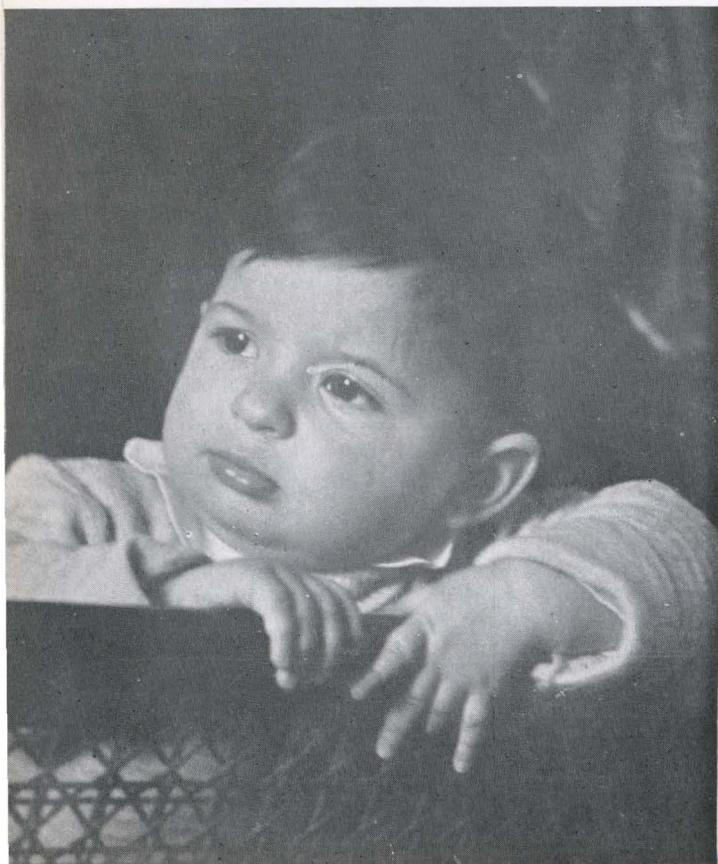
4) no verso de cada trabalho, deverão constar o título da fotografia e o nome e enderêço do autor, claramente escritos;

5) os concorrentes deverão preencher o boletim de inscrição e enviá-lo com os trabalhos e a taxa de inscrição de Cr\$50,00, à sede do F. C. C. Bandeirante;

6) a todos os concorrentes será comunicado o resultado da seleção e enviado o catálogo do salão e etiquetas dos trabalhos admitidos;

7) O PRAZO PARA INSCRIÇÕES E ENTREGA DOS TRABALHOS SERÁ ENCERRADO, IMPRETERIVELMENTE, NO DIA 20 DE AGOSTO p. f.

Os boletins de inscrição e regulamento já estão sendo distribuídos, podendo ser solicitados, bem como quaisquer outros esclarecimentos, à secretaria do F. C. C. Bandeirante, rua Avanhandava 316, S. Paulo.



"ESPERANDO"

Roberto Miller — FCCB

Resenha das Principais Atividades Mensais do F. C. C. B.

FOTOGRAFIAS DE OURO PRETO — Foi inaugurada a 15 de março último, na sede do FCCB, uma exposição de fotografias de Ouro Preto, da autoria de **Rubens Teixeira Scavone**, a qual mereceu francos louvores dos expectadores. Com o artigo daquele autor que publicamos á pg. 10 d'êste Boletim, reproduzimos alguns dos trabalhos expostos, pelos quais se pode aquilatar do alto valor e interêsse daquela mostra.

DIA DO ÍNDIO — Comemorado em todo o Brasil no dia 19 de abril, foi também festejado no F. C. C. B., com uma interessante palestra do consócio **Frank Perry Goldman** — representante do Serviço de Proteção ao Índio no Município de Itanhaem — sobre a vida e costumes dos índios Guarani's. Por essa ocasião realizou-se também uma exposição de objetos e peças de artesanato índio que despertou intensa curiosidade e interêsse por parte do numeroso público presente.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS E DESENHOS

— Integrando o programa comemorativo do XVII Aniversário do F. C. C. B., do qual damos notícia detalhada em outro local, foi inaugurada a 26 de abril, na sede do Clube, uma exposição de Fotografias de **Maria Helena Valente da Cruz** e desenhos de **Henrique Valente da Cruz**.

No próximo número publicaremos um comentário sobre essas exposições que alcançaram merecido êxito, sendo ambos os autores bastante cumprimentados.

SESSÃO CINEMATOGRAFICA — Também integrando o programa de festejos do XVII aniversário do Clube foi realizada a 23 de abril, perante numeroso público, uma exhibição de interessantíssimos filmes, gentilmente cedidos pelo Consulado do Canadá nesta Capital.

CURSO DE FOTOGRAFIA — Realizado com integral sucesso, está prestes a encerrar-se o 2.º Curso de Fotografia promovido pelo F. C. C. B.. No próximo mês serão abertas as inscrições para o 3.º Curso, a se realizar durante o segundo semestre. Este curso é aberto também para pessoas extranhas ao quadro social do F. C. C. Bandeirante.

CURSO DE ILUMINAÇÃO — Estão abertas as inscrições para a 7.ª turma do Curso de Iluminação em Estúdio, reservado exclusivamente aos sócios do Clube.

CONCURSOS INTERNOS — Prosseguem com grande entusiasmo os concursos internos do F. C. C. B. sobre fotografias em branco e preto e diapositivos em côres, estando designados para os próximos meses, os seguintes temas:

Mês	Branco e Preto	Côr
Maio	livre	—
Junho	Detalhes e "table-top"	livre
Julho	livre	—
Agosto	Arquitetura e Interiores	Retratos e animais.
Setembro	Não haverá concursos, com a realização do XV SALÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO	
Outubro		
Novembro	livre	—
Dezembro	Composições naturais e Abstrações	livre

Prêmios especiais — Ofertados pela **Fotoptica**, serão conferidos todos os meses, aos autores dos melhores trabalhos nas várias categorias de concorrentes, prêmios em material fotográfico.

No concurso de fevereiro último, sob o tema "Crianças e Expressões Infantis", foram vencedores, os Snrs. **Jean Lecocq** (Senior), **Eduardo Ayrosa** (junior), **Bernardo Meyer** (Novíssimo) e **Roberto Miller** (Aspirante), cujos trabalhos ilustram algumas páginas d'êste Boletim.

Promoções — Tendo em vista os resultados alcançados nos primeiros concursos d'êste ano, foram desde logo promovidos, nos termos do regulamento interno, de aspirante para novíssimo: **Paulo Suzuki Hide** e **Raul Chama**; de novíssimo para junior: **Bernardo Meyer** e **Lindau Martins**; de junior para senior: **Rubens Teixeira Scavone**.



R. Bento Freitas, 74
Tel. 34-0709

OFICINA TÉCNICA BERNARDI

Consertos de Aparelhos Fotográficos
e Cinematográficos - Acessórios
Reformas etc.

RUA SÃO BENTO 217 - SOBRELHOJA
SALA 110 — FONE 35-1959

Trevisan & Zalunardo Ltda.

APARALHOS FOTOGRAFICOS
E CINEMATOGRAFICOS

Rua 7 de Abril 79 - 4.º andar - sala 406
SÃO PAULO

TERRENOS EM

SANTO AMARO
OU
PRAIA GRANDE

PROCURE

EMILISSA

R. Xavier de Toledo, 99 - 3.º
Telefones: 36-1236 e 34-1318

Assine o **BOLETIM FOTO CINE** e passe 6 dias no
Rio de Janeiro incluindo a passagem aérea.

Cada assinatura dá direito a um convite numerado para o assinante e um para
o agente ou ofertante de assinaturas.

O sorteio será de acôrdo com a extração de Natal (Loteria Federal)



FRAQUEZA GERAL

Depressão, impotencia genital do homem e mulher, Neurastenia, velhice precoce
Prostatite e falta de filhos. - Tratamento pela "Auto-Hormo-Vacina "Hellmeister"
(Aos interessados enviamos prospectos com dados sobre o tratamento)

LABORATORIO HELLMEISTER

PRAÇA DO PATRIARCA, 96 - 2.º AND. - TEL. 32-5918 - CAIXA POSTAL, 919 - S. PAULO

Diretores Técnicos:

O. HELLMESTER - Médico

J. HELLMESTER - Técnico Bacteriologista

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr. \$
Joia de admissão	200,00
Mensalidade	40,00
Taxa extra mensal pró-séde própria	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ..	600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50% na mensalidade.

★

REVISTA "FOTO CINE BOLETIM" MENSAL

SÊDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

— S. PAULO, BRASIL



O FILME
do Fotógrafo Exigente

A VENDA EM TODAS AS CASAS DO RAMO



PAPEIS FOTOGRAFÍCOS DE FAMA MUNDIAL

a venda em todas as casas do ramo